

- 2 SET 1995

WALTER FELDMAN

JORNAL DA TARDE

O município de São Paulo e a região metropolitana tiveram um crescimento enorme nas últimas décadas. Os índices socioeconômicos mostram que a Cidade muda, num ritmo acelerado, de pólo industrial para pólo de serviços.

Na área da saúde foi proporcional este crescimento, com grande número de equipamentos: unidades básicas de saúde, ambulatórios de especialidades, serviços de diagnose e terapia, hospitais e complexos hospitalares com tecnologia de ponta. O grande número de equipamentos de saúde, quer seja da área pública ou da privada contratada está razoavelmente adequado. Porém, este crescimento ocorreu de maneira desordenada, gerando contradições inaceitáveis.

As zonas Leste e Sul do município de São Paulo não atingem sequer um leito por mil habitantes, na Zona Central temos 9,3 leitos por mil habitantes, enquanto no espigão da Paulista contamos com 14 leitos por mil habitantes. Esta situação leva a um cerceamento da população mais carente ao sistema de saúde.

O principal desafio político

co é viabilizar o funcionamento de todos estes equipamentos, articulando-os para toda a região metropolitana, pois não podemos pensar São Paulo dissociado dos municípios vizinhos.

A ferramenta para viabilizar tal objetivo é o Sistema Único de Saúde (SUS). Este sistema é baseado principalmente nas premissas de descentralização e autonomia cada vez maior que a municipa-

para a região metropolitana de São Paulo, com o objetivo de articular o fluxo de usuários e suas necessidades aos equipamentos existentes, com o encaminhamento adequado dos novos investimentos.

Para que ocorra de fato a municipalização em São Paulo, faz-se necessário adequar a estrutura administrativa da secretaria municipal no sentido de receber e gerenciar os equipamentos do Estado. Estas

saúde, nada adiantará se os postos de saúde ou unidades básicas de saúde continuarem distantes das necessidades da população. O distanciamento dos postos de saúde — dificultando o acesso da população — tem origem na falta de vontade política de investir nesta área e em modelos teóricos dissociados da necessidade local. O governo Mário Covas, no seu planejamento estratégico, tem levado em consideração exatamente estas duas variáveis.

A reativação dos postos, de acordo com a necessidade da população, diminuirá o afluxo da clientela em até 40% aos prontos-socorros e complexos hospitalares, desafogando assim estes equipamentos, que não conseguem atender a tal demanda e acabam se deteriorando.

A saúde em São Paulo precisa entrar no próximo milênio inteiramente municipalizada. O SUS é uma causa nobre.

A SAÚDE EM SÃO PAULO PRECISA ENTRAR NO PRÓXIMO MILÊNIO INTEIRAMENTE MUNICIPALIZADA

lização contempla. Considerando o tamanho da cidade de São Paulo e a complexidade da região metropolitana, o processo de municipalização ainda é incipiente, se comparado com outras grandes cidades brasileiras — Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre e Campinas — onde o SUS caminhou.

O governo Mário Covas, no âmbito da Secretaria de Saúde do Estado, estuda a criação de uma câmara de compensação

novas estruturas administrativas, dado o tamanho do município, deverão constituir sistemas locais de saúde, com autonomia política e financeira. Em conjunto, deverão atuar os conselhos de clientes — mais conhecidos como conselhos gestores — que são atores fundamentais na construção do sistema de saúde.

Mesmo com uma estrutura técnico-política adequada e uma articulação bem-feita de todos os equipamentos de

O AUTOR

Walter Feldman
é deputado estadual
e líder do governo
na Assembléia
Legislativa

